

e Museus acima referidos, as áreas e sub-áreas, os Departamentos e Institutos a seguir relacionados: Filosofia, Sociologia, Economia Política, Antropologia, Ciência Política, História, Geografia, Educação, Psicologia, Letras Clássicas, Língua e Literatura Grega, Língua e Literatura Latina, Sânscrito, Filologia e Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa, Estudos Camonianos, Literatura Brasileira, Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil, Língua e Literatura Francesa, Língua e Literatura Italiana, Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americanas, Língua Inglesa, Língua e Literatura Alemã, Língua e Literatura Russa, Línguas Orientais, Teoria Literária, Lingüística, Arte e história da arte, Educação Artística, Música, Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes, Instituto de Matemática e Estatística, Instituto Astronômico e Geofísico, Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Biociências, Ciências básicas na área de Saúde, Instituto de Geociências, Oceanografia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Instituto de Química, Instituto de Física e Instituto de Ciências Matemáticas, os 3 últimos de São Carlos.

Os mais de 50 artigos, em que pese a abordagem diferenciada de cada área e de suas especificidades, mostram-se mais ou menos fiéis na eleição e análise de alguns pontos e itens: o histórico da área na USP; a preocupação com a formação teórica; o rigor metodológico; o desenvolvimento do senso crítico; a discussão conceitual; a trajetória do ensino e da pesquisa no interior das diferentes áreas; o elenco e a avaliação das linhas de pesquisa; a pesquisa, a produção e a formação acadêmica; a reforma universitária de 1969; o impacto do AI5 na Universidade; as tentativas de reorganização; perfil e avaliação do corpo discente; a pós-graduação; a Universidade hoje.

Este vasto universo acadêmico retratado, no entanto, ressent-se de dados e estudos referentes à sua proto-história. Que a *Revista do IEA*, correspondendo a uma possível expectativa da comunidade intelectual brasileira, contemple, em breve, com igual acuidade, precisão e riqueza, os grandes pilares que são, afinal, as raízes novecentistas da USP: os veneráveis sustentáculos representados pelas Escolas de Direito, Politécnica, Medicina, seguidas pelas tradicionais Farmácia e Odontologia, ESALQ... Assim, esse quadro necessário teria a sua aguardada e reclamada consolidação.

Manoel Lelo Bellotto
Professor de História da UNESP.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. *O negro e a Igreja Católica*. Mato Grosso do Sul, CECITEC/UFMS, 1994. 160p.

O objetivo de Ana Lúcia Valente é estudar a relação entre a Igreja Católica e o "segmento negro". Para tanto, estrutura seu trabalho em duas partes. Na pri-

meira, apresenta análise crítica da bibliografia pertinente, desde o período colonial, demonstrando como a religião foi utilizada enquanto instrumento de dominação, com o objetivo de influenciar os escravos com valores brancos, para legitimar a ordem colonial, que não sobreviveria sem a escravidão.

É importante ressaltar que existia uma relação dialética entre os negros e a Igreja Católica. A princípio, podemos pensar que as irmandades foram criadas pela Igreja para diminuir a possibilidade de revoltas, mas foram utilizadas pelos negros na preservação de alguns aspectos de seu *background* cultural.

A partir da abolição, o catolicismo negro - até então tolerado pela Igreja, pois representava uma possibilidade de conversão - passaria a ser perseguido e os cortejos e danças nos rituais religiosos seriam desautorizados.

A autora faz um breve histórico da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de São Paulo, que, apesar de responsável pela administração da Igreja do Rosário, estava evidentemente subordinada à Igreja Católica. Esta, ao longo dos anos, tentou "limpar" da liturgia os elementos específicos dos negros.

A repressão exercida pela Igreja Católica encontrou respostas na desobediência da Irmandade, que, graças a essa mesma insubmissão, conseguiu sobreviver.

A segunda parte do livro é destinada à análise da mudança das realizações entre a Igreja Católica e os movimentos populares. Assim, a autora estuda a formação dos Agentes de Pastoral de Negros através dos dados obtidos a partir dos relatórios do próprio grupo e da observação participante.

O ponto de partida é o Concílio do Vaticano II (1962), configurado como auto-avaliação da Igreja, em função da perda do número de fiéis para outras seitas religiosas. As principais mudanças propostas foram o posicionamento crítico frente aos problemas econômicos e sociais, e a valorização da cultura de cada povo.

Na reunião dos Bispos da América Latina em Medellín (1968), baseada no Concílio do Vaticano II, a Igreja rompe com sua posição conservadora. Surge então a Teologia da Libertação, visando a um trabalho de politização junto às classes populares, através das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).

Neste contexto, é criado o grupo de Agentes de Pastoral de Negros (1978), ligado aos setores mais progressistas da Igreja, com o objetivo de unir a população negra e concretizar a posição do negro dentro do cristianismo. O que há de mais significativo na atuação desse grupo é a criação de uma "liturgia negra", incorporando alguns elementos do candomblé e da umbanda ("cantos ritmados por palmas, danças e instrumentos de percussão"). Esse fenômeno é uma forma de se opor à homogeneização cultural imposta pela sociedade global, utilizando os símbolos africanos como traços diferenciais. A autora critica essa estratégia, pois acredita que, retirando os elementos dos rituais africanos e dando-lhes novos significados, o grupo estaria lançando mão do mesmo processo de folclorização adotado pelas instituições dominantes.

Os conflitos entre os Agentes de Pastoral de Negros e a Igreja eram inevitáveis. Essa relação conflituosa se intensificou durante a Campanha da Fraternidade de 1988, apesar de a escolha do tema - "A Fraternidade e o Negro" - ser considerada pela autora como uma grande vitória do grupo. A campanha quase soçobrou graças ao "boicote" da ala conservadora da Igreja, fazendo com que a questão racial fosse discutida superficialmente.

Na conclusão, A.L. Valente estabelece comparação entre as Irmandades e os Agentes de Pastoral de Negros, e deduz que existia uma convergência em relação aos objetivos e uma divergência em relação às estratégias. Enquanto as Irmandades "mascaravam" os orixás, os Agentes de Pastoral de Negros "desmascaravam" os mesmos. E, finalmente, demonstra a dialética do movimento de repressão da Igreja, que levou à adoção de símbolos africanos pelos negros como forma de resistência, ao mesmo tempo que a adoção de elementos estranhos ao ritual "tradicional" fazia com que a Igreja Católica investisse na descaracterização da "liturgia negra".

A autora vence o desafio de estudar a religiosidade negra através de sua ligação com a Igreja Católica - já que a maior parte dos trabalhos nessa linha têm como objeto o candomblé e a umbanda -, demonstrando como certos aspectos da religiosidade afro-brasileira só puderam prevalecer justamente através dessa ligação com a Religião Católica.

Ao trabalhar com os conceitos de "resistência de cultura" e "cultura de resistência", Ana Lúcia Valente nos revela a complexidade que envolve os estudos sobre os grupos étnicos, dentro de uma sociedade extremamente dinâmica.

Reinaldo da Silva Soares

Mestrando em Antropologia Social da FFLCH/USP.

VASSALLO, Lígia. *O Sertão Medieval: origens européias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.

Segundo palavras da autora no capítulo I, esta obra foi escrita, originalmente, como tese de doutoramento, defendida em outubro de 1988. O *corpus* do trabalho constitui-se de nove peças teatrais de Suassuna, analisados da perspectiva da intertextualidade, que encontra nelas remanescentes da comédia latina de Plauto e Terêncio, dos mistérios e milagres medievais, das farsas vicentinas, passando, ainda, pelo teatro culto de Shakespeare, Molière e Calderón de la Barca. Influências decisivas e notórias, elas ficam, contudo, aquém do folclore nordestino - do bumba-meu-boi, do mamulengo e da literatura de cordel - que Suassuna confessa tê-lo marcado desde a infância, em grande parte dispendida nos circos da região.

O maior mérito do livro é levar em conta todas essas imbricações, peça por peça, em paciente rastreamento de motivos e idéias que, sob nova roupagem,